

ÁREA: Inglês

SUBPROJETO: Inglês UERJ-Maracanã

TÍTULO: PIBID Inglês – As primeiras impressões de bolsistas na experiência pedagógica

COORDENADOR: Patrícia Pereira Bértoli¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar as impressões dos licenciandos em Letras Inglês Literaturas participantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID UERJ, no subprojeto de Inglês – Maracanã, da UERJ. Primeiramente, é feita a apresentação do projeto e do contexto no qual está inserido. Em seguida, discute-se o levantamento feito pelos participantes sobre o público do projeto, ou seja, os alunos da escola pública que receberam a equipe em suas aulas. Finalmente, o olhar dos bolsistas participantes do projeto é refletido por suas respostas a um pequeno questionário. De um modo geral, todos os bolsistas revelaram que o grande valor do PIBID está em oferecer oportunidade para que eles possam vivenciar a prática de sala de aula e a contribuição positiva tanto para sua formação acadêmica quanto pessoal.

PALAVRAS-CHAVE: Bolsistas; Língua Inglesa, PIBID, Contribuição.

¹ <http://lattes.cnpq.br/3249608010390852> - patbertolid@gmail.com

Introdução

Desde 2015 a coordenação do Subprojeto de Inglês do PIBID UERJ tem estado sob minha iniciativa e responsabilidade. O projeto é visto como mais uma possibilidade para os licenciandos em Letras-Inglês-Literaturas desenvolverem habilidades docentes em língua inglesa, na prática e *in loco*, com coorientação e colaboração de uma professora de turma em um colégio da rede pública de ensino. Por meio dessa vivência, o bolsista do PIBID passa a desenvolver sua criatividade pedagógica, na concepção de materiais e atividades, bem como põe em prática os conhecimentos linguísticos e didáticos que vem adquirindo na graduação. Pode se dizer, portanto, que o objetivo primordial do projeto é colaborar para a integralidade dos conhecimentos teóricos e práticos do licenciando em Letras-Inglês.

Atendendo aos requisitos do edital para o PIBID, o projeto tem a participação de um professor coordenador, um professor supervisor, que é a professora da disciplina no colégio público, oito bolsistas graduandos do curso de Letras Inglês-Literaturas e dois graduandos voluntários. Os participantes voluntários, em geral, são aqueles que substituem algum bolsista quando há necessidade. Vale ressaltar que os alunos integrantes do projeto devem ter bom desempenho acadêmico e estar cursando a primeira etapa do curso, até o limite de “60% da carga horária regimental de licenciatura ao ingressar o programa” (BRASIL, 2022, p. 8).

Semelhante aos projetos anteriores, o projeto submetido ao edital de 2022 prioriza o desenvolvimento de uma experiência colaborativa, pois é por meio da troca de conhecimentos que a aprendizagem se realiza. Espera-se que ao longo dos meses em que as atividades do projeto se concretizam haja colaboração entre os bolsistas, a escola pública, o professor de inglês, outros professores da escola, funcionários, os alunos das turmas e a coordenação do projeto.

Vygotsky (1987) defende que desenvolvimento de estratégias e habilidades para solução de problemas é estimulado pela interação comunicativa. A interação em nosso projeto acontece em língua materna com foco no desenvolvimento da língua inglesa. O bolsista de iniciação à docência, quando colocado dentro da sala de aula real, percebe também que as dificuldades enfrentadas pelo professor extrapolam o contexto linguístico, incluindo questões burocráticas, disciplinares e de outras ordens, como materiais e de segurança. Essas questões são solucionadas por meio da colaboração, a qual entendemos existir quando há interação entre duas pessoas, no mínimo, trabalhando com um objetivo em comum (Friend; Cook, 1990).

Neste artigo apresentamos uma análise sobre os alunos da escola parceira e sobre as impressões dos bolsistas discentes sobre suas experiências enquanto integrantes de um grupo de licenciandos e professoras que se atreveram a tentar renovar as aulas de língua inglesa numa escola de comunidade na cidade do Rio de Janeiro. O texto está organizado no formato de um relato analítico de cada fase dos primeiros doze meses do projeto. Em seguida, é apresentado o resultado de uma pesquisa diagnóstica sobre os alunos da escola participante do projeto. Em seguida, apresenta-se uma discussão detalhada sobre impressões dos bolsistas, as quais foram coletadas a partir de suas respostas a um questionário. Finalmente, encerramos o artigo com considerações finais.

O PIBID-Inglês UERJ-Maracanã

O subprojeto de Inglês integra o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID UERJ. Atendendo às exigências da portaria 83/2022, a proposta foi redigida por mim, Patrícia Pereira Bértoli, professora do setor de inglês da UERJ, que ocupo a posição de coordenadora. Já a posição de supervisora coube à professora Francimar Assumpção de Souza, que havia trabalhado na segunda metade do projeto anterior, porém em outra unidade escolar. Dez graduandos integraram o projeto inicialmente e mantivemos lista de excedentes para futuras alterações. Os bolsistas Ana Carolina Aguiar; Clara Freitas Dantas e Alexandre Stefano de Sousa Ramos participaram alguns meses, mas por motivos pessoais deixaram o projeto. Permaneceram como bolsistas até o final do décimo mês do projeto Camila de Souza Vieira da Silva; Eduardo Bittencourt Loiola Araújo; Jeniffer Magdalena Silva; Matheus Paiva Silva; Roberta Tavares de Oliveira; Tiago Freitas Ferreira; Vitória Barbé de Mendonça e Vitória Carolina Reis da Silva, além, de dois licenciandos voluntários.

A escola com a qual nos associamos para a execução do projeto é a CE Agostinho Neto, que fica no bairro de Realengo, no Rio de Janeiro e oferece aulas de Ensino Médio regular e de EJA, no período noturno. No período diurno, a escola abriga a Escola Municipal Padre Leonel. Trata-se de uma escola com pouco mais de 400 alunos advindos de famílias de baixa renda e que obtiveram média no ENEM inferior à média geral da cidade. Vale anotar que o bairro de Realengo fica localizado em uma região violenta da cidade do Rio de Janeiro.

O objetivo primordial do projeto é contribuir para a formação inicial de licenciandos em língua inglesa ao inseri-lo na sala de aula real. Dessa forma, objetiva-se também proporcionar contribuição e integração interdisciplinar enquanto se promove articulação entre teoria e prática. Para tanto, o bolsista desenvolve habilidades pedagógicas práticas, cria e aplica atividades de ensino-aprendizagem, bem como participa de processos avaliativos. Almeja-se que todo o trabalho seja feito em equipe, de modo colaborativo e cooperativo.

Desenvolvimento

As atividades tiveram início em novembro de 2022, próximo ao encerramento do ano letivo. Sendo assim, optou-se por um período de formação e informação. Após a primeira reunião realizada presencialmente, optamos pelo modo virtual e nos três primeiros meses fizemos reuniões de integração, leitura e discussão. Entre as leituras, foram discutidos os seguintes documentos: BNCC (BRASIL, 2018), a Reorganização Curricular Carioca de Língua Estrangeira e o Currículo de Língua Inglesa da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura do Rio de Janeiro (SEEDUC, 2020). Entre as leituras de cunho pedagógico e teórico podem ser destacadas as de Leffa (2020), Souza (2008) e Paiva (2005) sobre preparação de material didático.

Com o início do ano escolar de 2023, a equipe voltou a se reunir presencialmente a fim de forjar a integração necessária entre os participantes. A professora supervisora descreveu a escola, as turmas e o desenvolvimento de seu trabalho na escola. Algumas leituras documentais da escola foram feitas e discutidas.

Passamos a desenvolver um questionário destinado aos alunos de inglês do primeiro e terceiros ano do Ensino Médio para traçarmos um perfil diagnóstico do nosso público. Esse diagnóstico integra a pré-produção de materiais de ensino, pois devem ser consideradas as características dos alunos, sobretudo seu nível de conhecimento prévio de língua inglesa.

Finalmente, passamos para a etapa de visitação à escola, onde a equipe foi recebida com carinho e empolgação pelos professores e pelo diretor. Essa integração é muito importante, pois faz com que os bolsistas sintam que seu envolvimento é valorizado. A escola fica longe da universidade. É necessário pegar um trem e a viagem dura cerca de uma hora e trinta minutos, fora o deslocamento até a UERJ. Além do trem, ainda há uma caminhada de 15 minutos. Para a volta, a professora supervisora se disponibiliza a levar os alunos até a estação de trem em seu carro, pois o caminho tem partes ermas e pode ser perigoso. Algumas vezes, é necessário que os bolsistas tomem um transporte do tipo “uber”.

Na primeira visita, o questionário foi aplicado. Os alunos presentes responderam prontamente e o levantamento diagnóstico foi feito. A partir de seu resultado, passou-se para a fase de elaboração de atividades e posterior aplicação. A primeira impressão dos bolsistas foi a de que são turmas bastantes heterogêneas. A turma de primeiro ano mostrou-se bastante indiferente ao questionário e, por ser a última aula da noite, pareciam ansiosos para terminarem e ir embora. Uma das turmas de terceiro ano demonstrou ser calma e meio apática enquanto a outra tem alunos bastante agitados, que se sentam em grupinhos e para os quais a atividade da sala não parece ser prioridade. Na próxima seção, estão dispostos os resultados desse questionário.

O aluno de inglês

O questionário foi respondido por 60 alunos, mas nem todos responderam a todas as perguntas. Desses, 37 são do gênero masculino, 22 do gênero feminino e uma pessoa colocou ‘outro’. A faixa etária dos participantes está entre 14 e 20 anos, sendo que 42% deles têm 17 anos. O gráfico a seguir retrata a opinião desses alunos sobre as aulas de inglês.

gráfico 1: Opinião dos alunos sobre as aulas de inglês



fonte: a autora

O gráfico 1 demonstra que a maioria dos alunos gosta das aulas de inglês, classificando-as como boas ou ótimas. Porém, quase 20% dos participantes apresentaram desinteresse pelas aulas e cerca de 7% dos alunos as classificaram

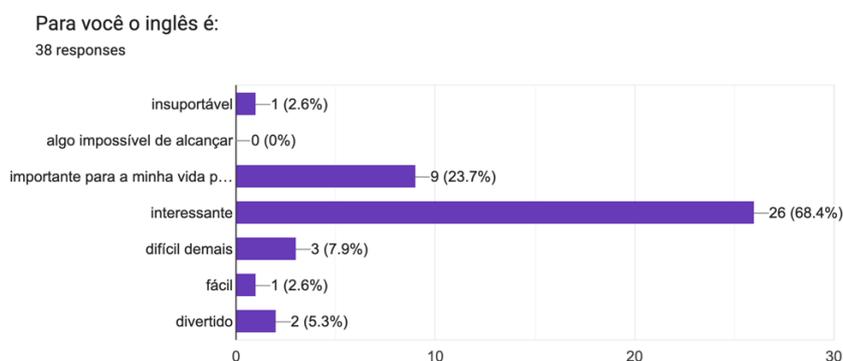
como péssimas ou ruins. No que diz respeito à participação deles nas aulas, a maioria se considera bom aluno, 53%, embora 25% desses afirmem esquecer quase tudo depois da aula ou da prova. Por outro lado, boa parte dos alunos, 39%, se caracteriza como ruim e afirmaram não se importarem.

A falta de consideração com o ensino de língua inglesa na escola regular é fator recorrente na Educação no Brasil. Oliveira (2020, p. 299) inicia seu texto com a afirmação: “Que a língua inglesa na rede pública de ensino é marginalizada, isso é inquestionável”, a qual corrobora a fala de Cruz e Rocha Lima em 2014:

“O ciclo que perpetua o “fracasso” da LI na escola faz com que o professor não valorize a sua disciplina, assim como seus colegas e a direção da escola; essa atmosfera negativa consegue baixar, ainda mais, a autoestima do professor, frustrando-o.” (Cruz; Rocha Lima, 2014, p. 196)

As respostas dos alunos, no entanto, são paradoxais, pois, a despeito de não se importarem ou esquecerem do que aprendem, consideram o inglês interessante e importante para vida futura. O gráfico 2, a seguir, demonstra esse resultado.

gráfico 2: Opinião dos alunos sobre a língua inglesa



fonte: a autora

O restante do questionário objetivou descobrir o conhecimento linguístico dos alunos. A partir de uma lista de palavras, a maioria adjetivos por ser o tópico abordado nas aulas, foi solicitado que os alunos assinalassem as palavras que reconheciam. Todas foram assinaladas pelo grupo, mas com diferenças de intensidade: yellow (77%); green (73%); intelligent (73%); book (66%); short (58%); chicken (49%); beautiful (47%); brown (36%); tall (15%) e handsome (12%). Além disso, poucos alunos reconheceram saber a função dos adjetivos, ou mesmo reconhecê-los em frases. O mesmo aconteceu com formação de frases interrogativas – apenas seis alunos conseguiram criar frases interrogativas contendo adjetivos – e com o reconhecimento de pronomes pessoais – apenas 18 reconheceram pronomes de terceira pessoa do singular.

Com o diagnóstico em mãos e os conteúdos propostos pela professora em perspectiva, os bolsistas foram organizados em duas equipes para visitar a escola. As equipes se alternam semanalmente na participação das aulas, nas quais aplicam as atividades que desenvolvem com a orientação da supervisora e da coordenadora. As atividades não estão apresentadas neste artigo, pois não fazem parte do objetivo aqui tratado, de verificar o público-alvo e a perspectiva dos bolsistas.

As impressões dos bolsistas sobre sua participação no projeto foram coletadas também por meio de um questionário, desenvolvido na plataforma de formulários do google. As respostas do questionário estão discutidas na seção seguinte.

O PIBID para os bolsistas

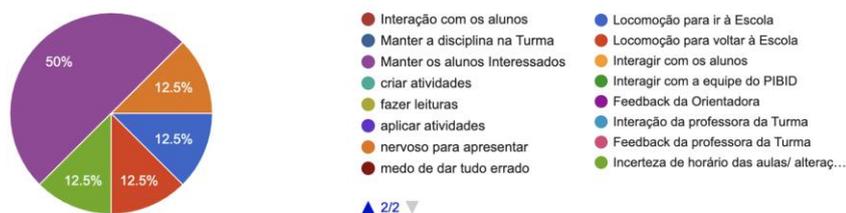
O subprojeto de inglês prevê que os bolsistas hajam de forma integrada e coletiva. A criação e desenvolvimento de atividades é um processo que se inicia com a troca de ideias por todos os participantes, seguida por sua materialização em forma de exercícios. As experiências com a aplicação dessas atividades são compartilhadas por relatórios e oralmente nas reuniões periódicas. Todavia, a opinião dos bolsistas sobre sua participação e envolvimento no projeto acaba não sendo dimensionada nas reuniões. Assim, decidimos por um questionário, cujas respostas são discutidas nesta seção.

Os oito bolsistas responderam prontamente a um pequeno questionário com seis questões. As três primeiras referem-se às dificuldades, facilidades e contribuição para a formação, seguindo o formato de múltipla escolha. As duas questões posteriores têm formato aberto, ou seja, o respondente pode escrever o que quiser, e referem-se ao valor do estágio e propostas de melhoria. A última questão objetiva saber a opinião geral do aluno sobre o projeto de forma muito livre, a saber: “O que você gostaria de dizer sobre o PIBID?”. A partir desse questionário, espera-se poder desenvolver um novo questionário a ser aplicado no final do projeto, englobando aspectos apontados pelos bolsistas.

A primeira questão objetivou descobrir as maiores dificuldades dos bolsistas em relação à sua participação no projeto, a partir da seleção entre 16 alternativas e ainda uma opção para incluir outra. Os respondentes poderiam escolher mais de uma. Entre as alternativas encontram-se: locomoção para ir ou voltar da escola; interação com alunos, com os colegas de equipe, com a orientadora e com a supervisora; feedback da supervisora e da orientadora; alterações de horários da escola; disciplina e interesse dos alunos; leituras; criar e aplicar atividades; nervosismo e medo nas apresentações. O gráfico 3 representa as respostas dadas.

gráfico 3: dificuldades dos bolsistas

minhas maiores dificuldades no PIBID-2023
8 respostas



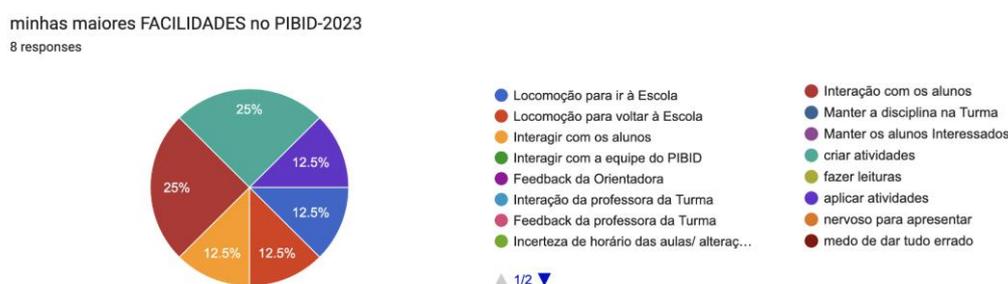
fonte: a autora

A dificuldade mais recorrente dos bolsistas é manter os alunos interessados. Trata-se de um receio de todas as pessoas que se dispõem a interagir com uma audiência, sobretudo professores que desejam alunos que anseiem por aprender. Os outros quatro itens mais recorrentes foram: incerteza sobre o horário das aulas (verde); locomoção para voltar da escola (vermelho); locomoção para ir à escola

(azul) e nervoso para apresentar (laranja). Conforme disposto na introdução deste trabalho, a localização da escola é realmente um fator dificultador do projeto, pois além da distância, há a questão de as aulas serem no período noturno e num local vulnerável. Já o nervosismo ao apresentar é uma competência que esses licenciandos ainda estão desenvolvendo em seu processo de graduação. Vale ressaltar a importância da participação em apresentações em sala de aula a fim de criarem estratégias que amenizem, ou até mesmo suprimam, tal sensação. Finalmente, o item sobre a alteração de horários da escola reflete a nova experiência que os estagiários estão tendo com o contato da realidade da vida escolar. Essas alterações acontecem por inúmeras razões, desde falta de professores ou problemas com as instalações tais como goteiras, alagamentos e falta de energia elétrica; até greves ou reuniões, festividades e passeios escolares que implicam em cancelamentos das aulas normais.

O foco da segunda questão foi descobrir o que deixa os bolsistas mais confiantes em sua atuação no projeto. As alternativas são as mesmas da questão 1. O gráfico 4 mostra as respostas dos participantes.

gráfico 4: facilidades dos bolsistas



fonte: a autora

A maior facilidade dos bolsistas é a interação com os alunos que corresponde aos 25% em marrom somado aos 12,5% em laranja, no gráfico 1. O bom relacionamento entre bolsistas e alunos pode estar relacionado à pouca diferença de idade entre eles e, conseqüentemente, por compartilharem interesses e linguagem. Em segundo lugar, os bolsistas assinalaram que têm facilidade para criar atividades. Isso parece indicar que estão conseguindo fazer ligação entre o que aprendem na graduação e a prática na sala de aula, considerando que parte das disciplinas que cursam envolvem abordagem pedagógicas e modelos de atividades. Um dos bolsistas mora na região da escola e assinalou como facilidade sua locomoção para ir e voltar da escola (azul e vermelho). Os bolsistas também consideraram como facilidade a aplicação das atividades. Esse fator pode estar relacionado à segurança gerada quando a atividade foi desenvolvida pelo próprio aplicador, que conhece todo o seu conteúdo e expectativas.

Na terceira questão, os bolsistas deveriam apontar as contribuições do PIBID para sua formação acadêmica. Foram assinaladas as alternativas: “perceber que os alunos querem aprender”; “perceber a necessidade de integração entre a escola e o professor”; “perceber a necessidade de os professores criarem atividades”; “perceber as dificuldades de integrar teoria e prática” e “perceber as dificuldades do corpo docente”. Em suma, o olhar dos bolsistas parece ter se voltado para o professor e sua

relação com o trabalho e com as necessidades dos alunos. Consequentemente, essas respostas sugerem que um dos objetivos do projeto está sendo atingido

A quarta questão deixou os respondentes livres para escreverem o que quisessem e teve como objetivo coletar informações sobre o valor dessa experiência. Os participantes apontaram como valioso conhecer uma escola pública além da escola que estudaram e sob outro panorama, a oportunidade de aprender enquanto se ensina e o desafio de motivar alunos que trabalham durante o dia e que, muitas vezes, frequentam a escola sem objetivos claros. Vale ressaltar que todos os participantes valorizaram o contato com a sala de aula e a interação com os estudantes, como pode ser visto na própria resposta de um dos bolsistas reproduzida a seguir.

Bolsista G: *“A interação com os alunos e o ambiente da sala de aula. Entender a diferença entre as turmas e os diferentes tipos de abordagem que precisamos ter com cada uma delas”.*

O objetivo da quinta questão foi desvendar possíveis problemas com o projeto e se os participantes têm propostas para melhorar. As respostas variaram. Um bolsista disse que não precisa melhorar em nada. Dois bolsistas solicitaram maior regularidade de horários e visitas à escola, já que muitas vezes as aulas são alteradas e as visitas canceladas. Quatro acreditam que aumentar a frequência da presença deles nas aulas pode criar maior interação entre eles, os alunos e o conteúdo. Um bolsista vê a necessidade de que os alunos valorizem as aulas de inglês, mesmo se não gostarem da disciplina. E um bolsista não respondeu.

A última questão solicitava a opinião livre dos bolsistas sobre o projeto. As respostas para “O que você gostaria de dizer sobre o PIBID?” estão dispostas na íntegra na tabela 1, a seguir.

tabela 1: opinião dos bolsistas sobre o projeto

bolsista A	Gostaria de dizer que é uma experiência muito rica e que tem me ensinado muito sobre todos os aspectos de sala de aula, desde a criação de material até aplicá-lo para os alunos quando conseguirmos visitar.
bolsista B	Tenho aprendido muito.
bolsista C	É uma oportunidade de poder ter contato com estudantes, vivenciar a sala de aula, poder contribuir com o docente responsável, trabalhar em conjunto com outros graduandos, ser criativa com atividades, experimentar tipos de didáticas e planejar aulas.
bolsista D	Ótima experiência para futuros docentes, no que diz respeito ao contato real com a sala de aula.
bolsista E	O PIBID está sendo uma experiência muito boa, principalmente para o meu desenvolvimento pessoal, não apenas acadêmico.
bolsista F	Pra mim, o PIBID é um projeto muito bom, pois ele tem me ajudado com a minha timidez para apresentação. Ainda sinto um pouco de dificuldade de me expressar para os alunos em questão de explicar a matéria, mas, pra mim, tá sendo de muita ajuda. Com o PIBID eu me vejo com uma profissional da educação, e com isso me dá mais vontade para estudar mais a área da educação.

bolsista G	É um projeto que está contribuindo muito para o meu desenvolvimento como professora e algo que todos os estudantes de licenciatura deveriam tentar. É uma forma de ir conhecendo pouco a pouco o ambiente da sala de aula como ele é, a realidade fora da sala de aula da universidade.
bolsista H	É uma oportunidade de evolução, como estudante e como profissional da área.

fonte: a autora

A tabela 1 revela que experiência dentro da sala de aula autêntica pode contribuir para a formação de alunos de licenciatura em termos práticos e emocionais. Segundo esses bolsistas, a oportunidade de criar materiais, aplicar atividades e interagir com os alunos tem aberto seus olhos para a vida profissional, para a necessidade de estudarem e aumentado seu desejo de aprenderem.

Considerações Finais

Este artigo apresentou a concepção do subprojeto de inglês-Maracanã, do Programa PIBID-UERJ. O projeto foi desenvolvido visando que licenciandos do curso de Inglês-Licenciaturas da UERJ tivessem a oportunidade de experenciar na prática as atividades de um professor de inglês numa escola da rede pública no Rio de Janeiro. O projeto está sendo aplicado numa escola no bairro de Realengo, o que colocou os alunos face a face com uma realidade de certa carência e vulnerabilidade.

Num primeiro momento, os bolsistas fizeram um levantamento sobre os alunos com os quais iriam trabalhar durante o ano de 2023, na execução do projeto. Descobriram que são adolescentes entre 14 e 20 anos, estudantes do Ensino Médio, sendo a maioria do gênero masculino. Embora reconheçam a importância da língua inglesa para uma boa formação, a maioria dos estudantes demonstrou conhecimentos baixíssimos, afirmando não conseguirem aprender ou reter o que aprendem. Parte dos alunos gostaria de ter aulas com mais conteúdos e aprender mais, mas a maioria parece não se importar com o inglês – o que pode não ser exclusividade da disciplina, mas da escola em geral.

Esse público, pode-se concluir, é resistente. São adolescentes que trabalham durante o dia e estão pouco motivados com a escola de maneira geral. Essas características estão refletidas nas respostas dos bolsistas, que apontaram como maior dificuldade enfrentada por eles manterem os alunos interessados.

As respostas do questionário dos bolsistas demonstraram que a participação no projeto tem servido com incentivo para maior entrosamento com a vida e os conteúdos acadêmicos, mas, sobretudo, contribuído para sua futura prática docente. A distância e fragilidade da escola, a constante alteração de horários e alteração de datas de visitas se revelaram fatores de frustração para os bolsistas. Todavia, são exemplos da realidade. Dessa forma, os bolsistas estão conseguindo perceber as dificuldades enfrentadas pela professora da turma e pela escola e podem estar mais preparados para ultrapassá-las em sua prática futura.

Após um ano de projeto, é possível perceber que a despeito das dificuldades, facilidades também foram salientadas e as atividades do projeto vêm se concretizando de maneira colaborativa entre os bolsistas, a escola pública, o professor de inglês, os alunos das turmas e a coordenação do projeto. Estamos

aproveitando as oportunidades de compartilhar nosso conhecimento, vivermos novas experiências e superamos desafios.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL. Portaria n.º 84, de 27 de abril de 2022. Dispõe sobre o regulamento do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Diário Oficial da União. Brasília, DF. Edição 79, Seção 1, p. 45. 28 abr. 2022.

CRUZ, G. F. da.; ROCHA LIMA, J. Quem faz o ensino de inglês na escola (não) funcionar? In: LIMA, D. C. de. (org.). **Inglês em escola pública não funciona?** Uma questão de múltiplos olhares. São Paulo: Parábola, 2014. p. 185-196.

FRIEND, Marilyn; COOK, Lynne. Collaboration as a predictor for success in school reform. *Journal of Educational and Psychological Consultation*, v.1, n.1, 1990, p. 69-86. DOI: <https://doi.org/10.1207/s1532768xjepc01014>

LEFFA, Vilson J. Gamificação no ensino de línguas. *Perspectiva*. v. 38, n. 2, p. 01-14, 2020.

OLIVEIRA, Ueverson M. “Lá vem a aula que eu não aprendo nada”: insucesso na aprendizagem de língua inglesa como segunda língua. **Revista EntreLinguas**, Araraquara, v. 6, n. 2, p. 298–306, 2020. DOI: 10.29051/el.v6i2.13219. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/entrelinguas/article/view/13219>. Acesso em: 31 out. 2023.

PAIVA, Vera Lucia M. O. Como se aprende uma língua estrangeira? In: ANASTÁCIO, E.B.A.; MALHEIROS, M.R.T.L.; FIGLIOLINI, M.C.R. (Orgs). *Tendências contemporâneas em Letras*. Campo Grande: Editora da UNIDERP, 2005. p. 127-140

SEEDUC. (2020). **Currículo Mínimo de Língua Inglesa**. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/10884556/4268549/LINGUAINGLESA.pdf>. Acesso em 02 de fevereiro de 2021.

SOUZA, Patricia N., A hipermídia como uma ferramenta de ensino: uma revisão da literatura sobre o aprendizado implícito e explícito de vocabulário em língua estrangeira. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.11, n.1, jan./jun. 2008, p. 101-124.